

APERTE CTRL + L PARA VISUALIZAÇÃO EM TELA CHEIA



FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA SOCIAL

POR PROF. ÉRICO RIBAS MACHADO

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Neste e-book será apresentada uma síntese com ilustrações e indicações para aprofundamento dos debates abordados no livro sobre os Fundamentos da Pedagogia Social em que a definição e diferenciação dos conceitos de Educação Social, Pedagogia Social e Trabalho Social são abordados buscando compreender as bases epistemológicas e o percurso histórico percorrido pela área em alguns países, desde sua origem na Alemanha.

A ideia do e-book é indicar caminhos para que você possa acessar diferentes materiais que podem contribuir com o aprofundamento das temáticas e conteúdos trabalhados.

É importante que, juntamente com o livro e com as aulas gravadas, o aluno possa conhecer outras discussões e até mesmo exemplos mais voltados para questões práticas que farão parte de uma formação mais consistente. Dessa maneira convidamos a todos a seguirem as indicações contidas neste material.

NOTAS

1. O QUE É EDUCAÇÃO SOCIAL / PEDAGOGIA SOCIAL / TRABALHO SOCIAL?

Assim como é muito complexo definir Educação e Pedagogia, definir Educação Social e Pedagogia Social se torna um desafio, devido às peculiaridades das referidas áreas. Mesmo assim, a tentativa é explicar o máximo possível esses conceitos para que se possa ter uma ideia objetiva do tema abordado. É importante ressaltar que o entendimento dessas áreas ficará cada vez mais claro no decorrer desta e das outras disciplinas.

É necessário identificar, nas diferentes definições dos autores, categorias que aparecem juntas e mescladas que podem contribuir nesse processo de esclarecimento. Nas definições são encontradas categorias que abordam aspectos teóricos: filosóficos, sociológicos e políticos; aspectos práticos: finalidades e; aspectos acadêmicos: formação/atuação profissional.

Petrus (1997) descreve que o mais adequado para definir com exatidão o que se entende hoje por Educação Social é recorrer à análise da realidade existente e refletir sistematicamente sobre o que esta realidade é e deve ser. Ele defende que a Educação Social é uma terminologia de difícil precisão porque a sua conceituação tende a variar segundo a ideologia, a filosofia e a visão antropológica em que está embasada. Caride (2002, p. 86) apresenta argumentos bem próximos aos de Petrus, pois complementa que muitas das dificuldades associadas à elaboração de uma definição formal da Pedagogia Social que seja suficientemente compreendida e aceita transcendem o debate científico e as realizações práticas de quem trabalha com ela, ou seja, para que esta definição seja fidedigna ao conceito, ela deve atender às constantes

mudanças sociais e suas exigências cada vez mais complexas.

As mudanças e novas emergências da sociedade é que fizeram com que se elaborassem diferentes perspectivas da Pedagogia Social, defende o autor (2002). Nesse processo, cita algumas novas re-elaborações que a área procura responder, entre elas: as relações com promoção cultural, os problemas de inadaptação e marginalização social, os espaços de tempo livre, a crise ambiental, os valores cívicos e a formação para o trabalho, dentre outras.

Sua observação é interessante ao considerar que a Educação Social, objeto material da Pedagogia Social, tem-se mantido relativamente estável. Seu conceito fundamental pode ser o mesmo de sempre, com pequenas mudanças; entretanto, ele aponta que o objeto formal da Pedagogia Social, que é a maneira com que se imagina e representa os significados da Educação Social, é que estão em constantes transformações e readequações. Pode-se entender que esse objeto formal da Pedagogia Social está em relação com as diferentes perspectivas teóricas que se criam e se reelaboram a cada nova necessidade de leituras de uma realidade, a qual se organiza de diferentes maneiras a cada momento.

A compreensão de que uma prática educativa compõe uma prática social permite compreender que a primeira ocorre em diferentes espaços na sociedade e de várias maneiras. Quando se fala em prática educativa, logo se pensa em um processo de ensino – aprendizagem que acontece exclusivamente no ambiente escolar, mas com a compreensão dessa prática como uma prática social, a educação pode ser compreendida de outra forma.

Passar a compreender o processo de ensino – aprendizagem de uma maneira ampla, em que o ser humano, protagonista desse processo, é entendido como um ser que vive e se desenvolve socialmente, torna lógica a conclusão

de que a todo o momento e em todos os lugares ele ensina ou aprende algo.

É a partir dessa lógica que a Educação Social pode ser compreendida e reconhecida. Talvez seja redundância adjetivar a Educação de “Social”, uma vez que a prática educativa é social por si mesma. Talvez o termo Social apareça como um adjetivo, justamente para demarcar uma visão de Educação que não é a mesma referente à de transmissão de conteúdos escolares ou que representem perspectivas opressoras.

Na Educação Social seriam sistematizadas as práticas educativas que acontecem em diferentes espaços e ambientes e que não seguem a didática escolar, no sentido de apenas transmitir conteúdos. Desse ponto de vista, a concepção de construção de conhecimento, a transformação da realidade e a emancipação através da conscientização crítica dos fatos do cotidiano, bem como a Educação Social podem ser considerados meios pelos quais as práticas educativas alcançam tais objetivos. Isso não significa dizer que a educação que acontece na escola não possa ter a mesma finalidade.

A Educação Social, como prática educativa nos mais diversos ambientes, teoricamente, pode ser compreendida da forma como foi descrita acima. Entretanto, com a grande diversidade de meios onde acontecem práticas educativas, com os mais variados interesses, a Educação Social pode assumir uma perspectiva totalmente contrária a que teoricamente se defende. Em outras palavras, por meio de projetos, programas e instituições, essas práticas educativas podem contribuir em um processo de apenas manutenção da realidade, colocando cada um no “seu lugar”, por assim dizer. Seriam práticas assistencialistas, no sentido ruim do termo, seriam práticas que não possuem a perspectiva de transformação da realidade.

As diferentes práticas de Educação Social podem ser encontradas em

vários espaços: diferentes ONGs (com diversos enfoques, várias origens de financiamentos, diferentes interesses); Instituições Abrigos (espaços em que as pessoas frequentam por determinados períodos e ou definitivos); Presídios (existem muitos estudos sobre a educação em presídios, que é muito peculiar); Hospitais (existem estudos avançados na área da Pedagogia Hospitalar); Educação de Jovens e Adultos (vários projetos e programas existentes de diferentes maneiras para efetivar essa meta); Movimentos Sociais (muitas práticas são educativas em Movimentos, a própria participação já configura um tipo de formação); Igrejas (práticas educativas com intenções específicas); Projetos Sociais; Programas Sociais (existe uma gama de ações, denominadas de sociais, que atuam em perspectiva educativa, em meios como a rua, além de outros); Escolas (na própria escola são reconhecidos espaços de práticas de Educação Social, como, por exemplo, projetos de contra – turno, etc.). Esses são apenas alguns dos espaços, contudo, essa lista pode ser mais extensa. Essa diversidade de práticas educativas exige pessoas que se tornem responsáveis por elas.

Em quais espaços podemos encontrar aspectos educativos?

Assista as duas reportagens abaixo e reflita sobre as diferenças dos trabalhos desenvolvidos:

1ª REPORTAGEM

CENTROS DE SOCIOEDUCAÇÃO NO PARANÁ SÃO COMPARADOS A ESCOLAS DO CRIME

2ª REPORTAGEM

PROJETO VISA REINSERIR MORADORES DE RUA NA SOCIEDADE

Muitas vezes, em sua grande maioria, são denominados de Educadores, mas podem receber muitas outras denominações, tais como Arte Educadores, Agentes Sociais e Animadores Culturais. Esses Educadores também possuem diferentes formações, níveis de conhecimento, interesses em suas práticas. Nessa perspectiva, encontram-se muitos voluntários, seja por vocação ou para realizar uma boa ação, como também existem os contratados e funcionários efetivos. É aí que surge a discussão de quem é esse profissional e qual deveria ser a sua formação. Se todas essas práticas passam a ser consideradas Educação Social, então, o Educador também passa a aderir o adjetivo de Social.

A partir dessa realidade, tão complexa, surge a preocupação em sistematizar, fundamentar e profissionalizar a Educação Social e, conseqüentemente, surge a Pedagogia Social, considerada a ciência da Educação Social.

A Pedagogia Social, com base em uma teoria, passa a olhar para essas práticas e sistematizá-las, categorizá-las, estudá-las, a partir de um olhar científico, teórico, com o objetivo de contribuir com essa realidade. Por isso, a Educação Social sempre está atrelada à Pedagogia Social. É muito clara a noção da Práxis, relação dialética entre teoria – prática – teoria – prática.

O conceito de Trabalho Social que aparece atrelado ao da Pedagogia Social é uma discussão específica da realidade de alguns países como, por exemplo, da Alemanha e da Espanha, não configurando a realidade brasileira. Essas discussões se aproximam do papel e do trabalho desenvolvido pela área do Serviço Social, no Brasil.

Após essa breve reflexão sobre conceitos e definições, é importante que você acesse o texto indicado no link abaixo e conheça o debate sobre a criação da Profissão do Educador Social no Brasil:

A ATUAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL NO BRASIL: UMA RODA DA CONVERSA

2. AS BASES EPISTEMOLÓGICAS DA PEDAGOGIA SOCIAL

NOTAS

Para compreender as práticas e finalidades que envolvem a Pedagogia Social, é necessário conhecer as bases epistemológicas que a fundamentam.

Nessa perspectiva, Nuñez (1999, p. 32) esclarece que a Pedagogia Social é o marco teórico da Educação Social. A complexidade está em definir qual é essa estrutura teórica que rege a Educação Social, chamada de Pedagogia Social. A autora esclarece que não existe uma única definição e que cada Pedagogo Social ou Educador Social fará uso conscientemente ou não de alguma concepção da Pedagogia Social.

Para aprofundamento é importante ler o texto no link abaixo sobre os Fundamentos da Pedagogia Social:

FUNDAMENTOS DE LA PEDAGOGÍA SOCIAL Y DE LA EDUCACIÓN SOCIAL

A autora descreve que existem três grandes núcleos teóricos em que as ciências sociais se fundamentam: o positivismo, o idealismo e a concepção estruturalista. Ao tomar como referência um ou outro núcleo teórico, se construiria uma determinada teoria da Educação Social, com objetivos, finalidades, conteúdos e metodologias próprias e com uma concepção do que se entende por sujeito da educação. As diferentes maneiras de definir a Pedagogia Social

têm importância no sentido de que isso afeta diretamente a prática educativa dos profissionais da área.

A autora considera que as diferentes concepções educativas podem surtir efeito de duas formas. A primeira corresponde às posições positivistas e idealistas.

Sobre a relação entre o positivismo e as ciências humanas acessar o texto no link abaixo:

A POSTURA DO POSITIVISMO COM RELAÇÃO ÀS CIÊNCIAS HUMANAS

Esse primeiro efeito, segundo a autora, significa que o sujeito fica submetido a perspectiva positivista, compreendido apenas como um objeto, produto tanto do meio, da família, quanto da instituição a qual pertence. Deixa-se de lado a dimensão subjetiva, se eliminam as responsabilidades dos diferentes atores, assim como seus desejos e suas aspirações.

O segundo efeito tem a ver com a perspectiva de promoção cultural, na qual a autora atribui à Educação um papel de assumir uma responsabilidade direta na inserção cultural dos sujeitos e, portanto, de inclusão social. Dessa maneira, todas as condições sociais em que o sujeito está inserido são pressupostos para elaboração de discussões e trocas de ideias e metodologias de trabalho educativo. O ponto de partida dessa perspectiva está na ideia de que todos os sujeitos são sujeitos de direitos e deveres.

Na perspectiva estruturalista, segundo a autora, a Pedagogia Social pode auxiliar na orientação da tomada de decisões, particularmente em momentos cruciais. A Pedagogia Social é considerada como o dispositivo pedagógico de

leitura, de crítica e de elaboração de propostas ou modelos propriamente educativos em relação às políticas sociais.

A autora destaca o fato de que cada momento histórico tem suas peculiaridades. Em meados do século XIX, se entendia que a única política social capaz de relacionar-se com a Pedagogia Social era a da universalização da alfabetização, política que fundaria o sistema escolar moderno. No início do século XX, de acordo com a autora, em consonância com as concepções precursoras da Pedagogia Social, as novas políticas sociais relacionadas com a educação são aquelas relativas à recuperação dos menores, assim, se iniciam os centros de proteção e reforma de menores. É importante situar que a perspectiva de Mollenhauer e Giesecke, da Escola de Frankfurt, exerce uma forte influência na Pedagogia Social Alemã.

Sobre o pensamento crítico e a Pedagogia Social, acessar o texto no link abaixo:

OS FUNDAMENTOS DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL CRÍTICA

Segundo Carreras (1997, p.42), a Pedagogia Social, em sua origem, teve como influência teórica as concepções sobre educação de Kant e Hegel, assimiladas por Paul Natorp. O autor explica que a Pedagogia Social de Natorp com inspiração kantiana e a Pedagogia Social, com base na perspectiva hermenêutica de H. Nohl, foram influenciadas por uma série de correntes e autores como Platão, Hegel, Kant e Pestalozzi.

Carreras (1997, p.43) relata que Natorp não compartilhava da ideia de educação em uma perspectiva “individualista”, que era a visão predominante em sua época. Para Natorp isso era uma abstração; a educação para ele é um

fenômeno social.

A afirmação do referido autor de que a pedagogia é sempre social, mesmo nas práticas comunitárias, deve ser relativizada, pois existem diferentes práticas da pedagogia que podem atender à perspectivas conservadoras, opressoras. O entendimento, a partir das leituras realizadas, é de que a Pedagogia enfatiza aspectos educativos considerando o indivíduo e a Pedagogia Social enfoca aspectos educativos que englobam grupos, comunidades, nunca considerando o sujeito individualmente, isolado.

É seguindo essa perspectiva que Carreras (1997, p.44) descreve a Pedagogia Social como campo de conhecimento teórico com tendência reguladora da práxis. Para Natorp, o conceito de educação conduz ao conceito de comunidade. Morente (apud CARRERAS, 1997, p.44), intérprete kantiano de Natorp, esclarece que “la educación es, para Natorp, educación para la comunidad”.

Para Carreras (1997, p.44), esta visão da Pedagogia Social é de uma significativa atualidade, não tendo sido explorada suficientemente na Espanha. A orientação fenomenológica e interpretativa da Pedagogia Social encontra seu gênese no idealismo de Kant, que foi quem argumentou que “a realidade social existe na ideia antes que nas ações concretas”. Para o autor, a fenomenologia social recorre a esse princípio e o interpretativismo simbólico a converteu em uma de suas bases fundamentais. Para ele, a fenomenologia considera a pessoa como um ser que tem e que produz em sua mente muitas imagens, algumas das quais acabam tendo formas concretas e outras não chegam a concretizar-se.

Para conhecer uma pesquisa sobre Educação Social que utiliza a perspectiva Fenomenológica, acesse a tese de Jacyara Silva de Paiva no link abaixo:

COMPREENDENDO AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS PRODUZIDAS NA EDUCAÇÃO SOCIAL DE RUA: DESVELAMENTOS PERTINENTES AO EDUCADOR SOCIAL DE RUA

Para Carreras (1997, p.44) “el proceso de educación es um proceso de construcción conjunta de significado para dar respuesta a um problema...”. Nesse sentido, o autor complementa que o homem em seu contexto cultural compartilha, por meio da interação com seus semelhantes, essas imagens e entra em consenso; lhes dá um significado que é compartilhado, cria uma realidade, constrói por meio da comunicação. Ele explica que a realidade educativa como ideia, tanto para Natorp como para Kant, é uma criação dos homens que aparece de acordo com suas interpretações.

Para compreender um pouco mais dessa fundamentação que orientou o surgimento da Pedagogia Social, é importante apresentar os conceitos básicos presentes em Kant e Pestalozzi, mesmo que de forma superficial.

É importante compreender o contexto social em que Kant (1724-1804) e Pestalozzi (1746 – 1827) viveram. Luzuriaga (1984, p. 174) chama a atenção para o fato de que a Revolução Francesa produz extraordinário efeito no desenvolvimento de atividades e das teorias desses dois nomes importantes.

De acordo com Luzuriaga (1984, p. 172), Immanuel Kant, assim como outros professores de filosofia das universidades alemãs (Herbart, Fichte e Schleiermacher), ministrou aulas na pedagogia, produzindo, dessa forma, escritos sobre a educação. O autor relata que a contribuição de Kant para a educação é apenas teórica. Sua teoria recebeu influências de Jean – Jacques Rousseau e de Basedow. Luzuriaga explica que para Kant, a educação é tão importante que “unicamente pela educação o homem pode chegar a ser homem. Não é se não aquilo que a educação faz” e complementa: “Na educação está o grande segredo da natureza humana” (KANT apud LUZURIAGA, 1984, p. 172). O autor afirma que para Kant, a razão está em que as disposições do homem não se desenvolvem por si mesmas, elas devem ser desenvolvidas. Segundo seus estudos, Kant divide a educação em: disciplina, cultura, civilidade e moralidade. Essa é a finalidade da educação para o renomado filósofo. Kant distingue dois

aspectos em relação à educação: os cuidados, que tem a ver com a parte física e a formação, que é relacionada à parte espiritual, ao “interior” do indivíduo.

Para Kant, segundo Luzuriaga (1984, p.173), a educação deve ser comprovada. Sob forte influência de Rousseau, sua ênfase é na educação física e moral, mais que a intelectual. Para Kant, a criança não é por natureza boa ou má: o que ela será deve-se à educação, assim essa adquire lugar importante em sua concepção de homem. Segundo o autor, Kant defende o princípio da atividade na educação: “É da maior importância que as crianças aprendam a trabalhar (...) E onde melhor que na escola deve cultivar-se a afeição ao trabalho?” Cabe destacar mais um aspecto importante da visão educacional de Kant: ele é partidário da educação religiosa, mas extraconfessional. “Cumpra-se olhar por que se não desconsiderem os homens pelas religiões, pois, apesar da diversidade delas, há uma unidade de religião” (KANT apud LUZURIAGA, 1984, p. 173)

Para Cambi (1999, p. 355), Kant propôs uma revisão crítica dos fundamentos do saber e do agir iluministas por meio da crítica da razão (teoria e prática), dando início a uma pedagogia rigorosa, destinada a formar um homem universal e racional, marcado pelo caráter e pelo domínio que nele exerce a racionalidade universal. Segundo o autor, Kant imprimiu no iluminismo e romantismo alemães sua característica. Ele complementa que o modelo pedagógico elaborado por Kant, embora exclusivamente teórico, sem experiências concretas da vida infantil e da vida escolar, afirma-se como uma das maiores elaborações da pedagogia iluminista, acreditando nas reformas e, principalmente, na reforma da sociedade pautada na educação. Sua concepção é original, com sua forte conotação ética, assim como orgânica, mesmo sendo esquemática.

Conhecer as teorias que fundamentam as ideias e práticas de Natorp é fundamental para compreender a atualidade da Pedagogia Social em diferentes lugares do mundo, pois ele foi o formador de um grupo que foi o responsável

por disseminar as ideias da Pedagogia Social pela Europa, especificamente na Espanha.

Seguindo por esse caminho, torna-se necessário conhecer um pouco mais sobre as práticas e a teoria de Pestalozzi, reconhecido como o primeiro Educador Social da história.

Luzuriaga (1984, p. 173), é enfático ao apresentar Pestalozzi, e afirma: “O maior gênio, a figura mais nobre da educação e da Pedagogia, o educador por excelência e o fundador da escola primária popular, Johann Heinrich Pestalozzi, nasceu em Zurique na Suíça (...)”.

Esta figura importante para o campo da educação, segundo Luzuriaga, atuou em movimentos sociais e políticos de sua época. Influenciado pela teoria de Rousseau, iniciou suas atividades como educador. Sua primeira experiência educacional foi converter a sua granja em um estabelecimento educativo voltado para crianças carentes, onde trabalhavam ao mesmo tempo em que se educavam, surgindo a escola ativa ou do trabalho.

O autor identifica que a segunda fase da atuação educativa de Pestalozzi deu-se no asilo de Stanz (1798), no qual abrigou mais de 400 órfãos da guerra. A terceira fase educacional de Pestalozzi foi em Burgdorf, primeiro em uma escola pobre e depois no castelo da povoação. De acordo com Luzuriaga, é nessa fase

que Pestalozzi produz sua obra metodológica mais importante, chamada “Como Gertudres instrui a seus filhos”, em 1801. A partir dessa obra, Pestalozzi começou a chamar a atenção de figuras interessadas em educação de toda a Europa, como por exemplo, Herbart. Luzuriaga (1984, p. 175) relata que a última fase da carreira de Pestalozzi é representada pelo Instituto de Iverdon, onde consolidou suas atividades e foi reconhecido por várias personalidades europeias.

Luzuriaga relata que as ideias de Pestalozzi repercutiram na educação e na pedagogia moderna de forma extraordinária. Influíram em personalidades como Kant, Herbart, Fichte, Froebel, Karl Ritter, Wilhelm Von Humboldt.

Os princípios educativos que constituem as práticas e a teoria de Pestalozzi se embasam na ideia de que a educação possui uma finalidade própria que seria a humanização do homem, o desenvolvimento de todas as manifestações da vida humana, levada à maior plenitude e perfeição: “A educação verdadeira e natural conduz à perfeição, à plenitude das capacidades humanas”. (PESTALOZZI apud LUZURIAGA, 1984, p. 176).

As capacidades humanas a que Pestalozzi se refere relacionam-se a tríplice atividade de “espírito, coração e mão”, ou seja, a vida intelectual, a vida moral e a vida prática ou técnica, as quais devem ser cultivadas integrais e harmonicamente.

Luzuriaga descreve que nesse processo integral, a educação há de seguir o mesmo caminho seguido pela humanidade. O homem é, assim, um ser instintivo ou animal, um ser social e um ser moral. A essas três fases correspondem, na vida humana comum, outros tantos graus de desenvolvimento: a família, o Estado e a humanidade, cada um com uma educação peculiar: a educação familiar, a educação escolar e a educação moral e social.

Com essas considerações, é possível relacionar as diferentes perspectivas e visões existentes atualmente em relação à Educação Social, mas principalmente nortear as práticas desenvolvidas pelos educadores sociais.

Finalizando esse tópico, é importante destacar que existem diferentes perspectivas, diferentes enfoques e diferentes práticas com relação à Pedagogia Social nos diferentes países. Assim, definir quais são as bases teórico-metodológicas da Pedagogia Social é um exercício árduo que demanda grande aprofundamento teórico. Talvez, seja essa a característica marcante da Pedagogia Social, sua vasta possibilidade de transformar-se e readequar-se frente às diferentes demandas sociais que se apresentam a todo o momento.

No próximo tópico, serão abordados aspectos históricos do surgimento da Educação Social/ Pedagogia Social na Europa, contextualizando a realidade da época.

Ao final dessa reflexão sobre bases teóricas e definições sobre Pedagogia Social, é importante refletir sobre o sistema e o modelo educacional formalizado que vivemos atualmente. Para ilustrar e problematizar esse aspecto, assistir o vídeo - MUDANDO PARADIGMAS NA EDUCAÇÃO *(clique sobre a imagem para assistir)*



3. A ORIGEM DA PEDAGOGIA SOCIAL NA ALEMANHA, NA ESPANHA E SUAS PECULIARIDADES EM DIFERENTES PAÍSES

CONTEXTO ALEMÃO

A partir das considerações abordadas no tópico anterior, torna-se oportuno esclarecer a origem das terminologias Pedagogia Social e Educação Social e compreender o contexto histórico em que surgem e se desenvolvem.

Cabanas (1997, p. 71) considera o pedagogo alemão Adolfo Diesterweg (1790-1866) como o responsável por cunhar as terminologias Educação Social e Pedagogia Social. Segundo o autor, a didática, a organização escolar e as políticas educacionais, eram as áreas de atuação acadêmica de Diesterweg; em termos de atuação política, ocupou cargos públicos, articulou organizações de professores e foi candidato pelo Partido Progressista.

A primeira vez que Diesterweg utilizou o termo educação social foi quando se referia aos propósitos de Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827), por ocasião da celebração do centenário do nascimento do pedagogo suíço.

Em relação à terminologia Pedagogia Social, Cabanas (1997, p. 73) descreve que Diesterweg publicou um livro no ano de 1835, intitulado Bibliografía para la formación de los maestros alemanes. O autor identifica que na seção III do livro, intitulada: Cuáles son las publicaciones más importantes sobre Pedagogía

Elemental, Didática y Metodología?, o parágrafo 9, na página 124, dessa seção, se intitula: Escritos sobre Pedagogía Social. Cabanas indica a primeira vez que a terminologia é utilizada. Segundo ele, sem nenhuma intenção epistemológica, referindo-se não a um ramo da pedagogia, mas sim a um gênero da bibliografia pedagógica. Fica evidente que Diesterweg utiliza as duas terminologias sem uma intenção prévia ou fundamentada de distinção.

Existem algumas divergências entre os pesquisadores em relação a essa afirmação de que Diesterweg foi quem utilizou por primeiro essas terminologias. Cabanas (1997, p. 73), no entanto, conclui que foi ele realmente quem utilizou os termos e que outro pesquisador alemão chamado H. Kronen fez um estudo detalhado do significado das terminologias e também do conceito de social presente nos escritos de Diesterweg.

A Alemanha é considerada o berço da Educação Social e da Pedagogia Social, tanto no sentido de elaboração das terminologias e sua fundamentação, como também na organização e reconhecimento social. Cabanas (1997, p. 77) descreve que os pesquisadores alemães vinculam a aparição da Pedagogia Social, enquanto prática, ao surgimento da sociedade industrial, no sentido de que esse processo de industrialização da sociedade provocou um acúmulo de problemas que atingiu grupos humanos. As imigrações, greves, aglomerações urbanas, bairros periféricos, são considerados problemas que desestruturam a vida humana e que a educação social atua a partir desses problemas. O autor complementa que ela pode ser considerada um fenômeno recente, ela surge a partir dos problemas já relatados.

Segundo Cabanas (1997, p.77), na Alemanha esses problemas surgiram com mais intensidade no período da primeira guerra mundial e com suas consequências no pós-guerra. O autor localiza historicamente a época do

nascimento e consolidação da Pedagogia Social alemã que corresponde à República de Weimar (1919 – 1933). Nessa época, Paul Natorp, considerado um importante pesquisador da área, distinguiu a Pedagogia Social da individual em dois aspectos: que quem educa não são os educadores concretos, mas sim a comunidade e que essa educação é a favor de uma coletividade e não apenas do indivíduo. Nesse sentido, como exemplifica Cabanas (1997, p.78), Natorp defende que a educação da juventude deveria acontecer nas organizações juvenis.

Continuando a contextualização histórica da estruturação da Pedagogia Social, Cabanas (1997, p. 78) descreve que no período Weimar aconteceram movimentos pedagógicos que favoreceram a ideia de uma Pedagogia Social. A existência de lugares educativos no campo, as escolas voltadas para preparar jovens para o mundo do trabalho e as universidades populares configuravam o cenário educativo dessa época. Por outro lado, o autor relata que o período pós-guerra favoreceu o aparecimento de certa delinquência juvenil, surgindo leis e instituições para controlar essa nova realidade. Nesse sentido, em 1922 se promulgou uma lei de proteção aos jovens em situação de risco, criando-se serviços de assistência à juventude e às crianças desamparadas, delinquentes ou com alguma deficiência.

O autor descreve que, pela primeira vez, a condenação passa a ser uma medida extrema, mas que também deve ser educativa. Segundo ele, nesse momento na Alemanha surgem muitos agentes de Trabalho Social que se dedicavam ao trabalho nas prisões e nos lugares que recebiam crianças e jovens abandonados ou delinquentes, dando-lhes mais liberdade e responsabilidade, em espaços que anteriormente eram apenas punitivos.

No período da República de Weimar também surgiram ações de educação

de adultos, por meio de uma experiência significativa, que Cabanas (1997, p.78) relata. Essa iniciativa foi a Academia del Trabajo, fundada por E. Rosenstock-Huessy em Frankfurt (1921), onde se estabelecia um contato entre proletários e acadêmicos e se utilizava um novo método, em que, a partir dos acontecimentos cotidianos, se chegava a formulação de problemas científicos. Também foi propiciada a fundação de bibliotecas populares que estimularam a prática da leitura pelas comunidades.

É nesse contexto que tem destaque o pedagogo Herman Nohl (1879 – 1960), considerado importante precursor da Pedagogia Social na Alemanha. Sendo professor de pedagogia em Jena, seus discípulos incentivaram-no a dar lições referentes à Pedagogia Social, que era confundida com a educação popular, no sentido de uma educação voltada para a população em geral. Foi assim que Nohl fundou a Universidad Popular em Jena, sendo que a época conturbada do pós-guerra o colocou em contato com os verdadeiros temas da Pedagogia Social. Proferiu um seminário onde discutiu os problemas que afetavam a muitos jovens e orientou a atenção social necessária aos mesmos por meio de um trabalho interdisciplinar com enfoques educativos, estabelecendo interlocuções com a área jurídica, a psiquiatria e o trabalho social. Essa foi a estruturação inicial da Pedagogia Social, sendo Nohl o responsável por sua organização, que também tentou buscar meios para considerá-la uma área profissional, mas acabou por elaborar apenas a fundamentação teórica da área da Pedagogia Social, produzindo um grande número de escritos sobre o tema.

Considerando o contexto social e histórico em que surge a Pedagogia Social, são claras as intenções defendidas: de que o Trabalho Social tenha um enfoque pedagógico, educacional, como também que a atuação pedagógica, educacional tenha o enfoque do social, dirigida aos diferentes grupos em alguma

situação de risco.

Cabanas (1997, p.79) relata que, entre o período de 1933 a 1949, a Pedagogia Social teve um recesso e não se desenvolveu, pois nessa época a Alemanha passou por momentos conturbados com o nacional-socialismo. Dentro dessa visão política, todo o trabalho social foi colocado sob a responsabilidade do Estado, era ele quem deveria desenvolver essas ações. O problema que Cabanas aponta é que todas as ações praticadas por esse movimento político possuíam uma ideologia racista: aqueles que precisavam de algum tipo de assistência social e pertenciam a alguma etnia desqualificada pelo regime político vigente eram marginalizados e suas necessidades não eram atendidas. As instituições ligadas à Igreja, bem como as organizações privadas que não seguiam a ideologia do nacional – socialismo, eram proibidas de realizar qualquer tipo de trabalho social. O autor complementa que a própria educação popular das classes trabalhadoras foi suprimida, surgindo em seu lugar a chamada Frente Alemán del Trabajo.

Em relação às mulheres, o nacional – socialismo defendia que elas eram responsáveis apenas por cuidar de seus filhos, não tendo acesso à educação e nem a trabalho nesse período. O trabalho extraescolar com jovens foi assumido totalmente pelo regime político vigente e suas organizações próprias: Juventude Hitleriana e a União de Muchachas Alemanas, às quais a juventude deveria dedicar-se integralmente, sem desenvolver qualquer outro tipo de atividade. Fichtner (2009, p. 45) relata que “durante o regime nazista, muitos dos protagonistas da Pedagogia Social e do Trabalho Social foram obrigados a se exilar”.

Cabanas (1997, p.79) esclarece que, sob a máscara dos trabalhos sociais desenvolvidos pelo nacional – socialismo, o que se fazia era uma propaganda a favor do partido que estava no poder. As instituições fundadas por aquele

regime foram a Obra de Ayuda Invernal, o Socorro Popular Nacional socialista, a organização La fuerza por la alegría (Kraft durch Freude), uma organização para levar meninos da cidade para o campo e outra de Serviço Alemán del Trabajo.

Todo o trabalho voluntário desenvolvido durante a época da República de Weimar foi absorvido em 1933 pelo serviço do trabalho obrigatório. Os trabalhos desenvolvidos estimulavam o fortalecimento físico, o ensino da política nacional e uma preparação pré-militar. Cabanas (1997, p.80) relata que os principais representantes teóricos do nacional – socialismo foram E. Krieck e A. Bäumlér. Eles não desenvolveram uma teoria própria da Pedagogia Social, mas defendiam um posicionamento que embasava os problemas pedagógicos de tipo social.

Pela defesa desses posicionamentos, explicam-se as atitudes e posturas presentes nos diferentes trabalhos sociais desenvolvidos pelo regime nacional – socialista, que demarcam realmente um período de retrocesso na área social, ao invés de avanços.

A partir de 1945, com o fim da II Guerra, a teoria da Pedagogia Social alemã volta a aproximar-se daquela da época de Weimar e de Nohl, mesmo que com alguns pressupostos diferentes. Segundo Cabanas (1997, p. 80), a tentativa de construção das bases científicas da Pedagogia Social é um esforço que se mantém até nos dias de hoje.

No pós-guerra, tanto a infância, a juventude e mesmo os adultos alemães passaram por grandes necessidades materiais. Além da fome, de não ter onde morar, do desemprego, a geração que crescia se deparava com uma nova realidade: as mudanças na estrutura familiar. Muitos não tinham mais os pais, as mães passaram a ter que trabalhar fora do lar, aconteceram muitas separações matrimoniais, enfim, a família já não era a mesma. Além desses problemas, também havia os próprios do pós-guerra, como o surgimento do

mercado negro, o tráfico de bens de consumo. Segundo o autor, tais práticas contribuíram para uma desorientação ética para a mentalidade dos jovens, aumentando as atitudes delinquentes. No início, todas as medidas assistenciais se ocuparam de proporcionar as condições básicas de existência, mas logo uma reorganização e re-planejamento político e educativo tornaram possíveis novamente a organização da educação social, surgindo, além das tradicionais, novas instituições de atendimento à infância e à juventude.

É nesse contexto que surge, na Alemanha, a antiga Associação Internacional de Educadores de Jovens Inadaptados (AIEJI), sendo seu primeiro presidente o holandês Mulock Hower, que na época era diretor das casas da instrução de Zandbergen em Amesfoort na Holanda. Atualmente essa organização foi renomeada para Asociación Internacional de Educadores Sociales. É justamente essa organização que permite uma maior estruturação da Pedagogia Social no mundo, bem como o reconhecimento profissional dos educadores sociais em alguns países.

Continuando nesse percurso histórico, Cabanas (1997, p. 80) indica que, quando começa a se repensar a Pedagogia Social na Alemanha, surgiram diferentes rumos para esta na parte ocidental do país e na parte oriental. Na República Federal fundaram-se lares infantis e agrupamentos de assistência e tempo livre para crianças e jovens, sendo favorecidas as ações do voluntariado. Suas diferentes instituições foram sendo normatizadas e estruturadas, responsabilizando-se por elas organizações privadas, bem como os municípios. Junto com esse movimento, uma legislação foi elaborada, amparando todas essas ações. Já na República Democrática da Alemanha, por corresponder a um Estado socialista, havia interesse em tudo o que fosse social, mas centralizado no Estado, submetido a um controle político e utilizado para formação da mente

política dos cidadãos. Dentro do sistema educativo, funcionava uma Educação Social para crianças e jovens, que lhes formava a partir da disciplina, trabalho e obediência.

A exemplo do sistema soviético, crianças e jovens eram enquadrados em agrupamentos que moldavam suas ideias e sentimentos e organizavam suas atividades de tempo livre. Na escola recebiam formação cívica e política, iniciando-os na defesa civil e em uma educação para a paz que compreendia uma formação preliminar pensada para preparar combatentes que expandiriam para o mundo o sistema socialista. Os agrupamentos a que Cabanas (1997, p.81) se refere são duas organizações: a dos Pioneros, para crianças de 6 a 14 anos, e a Juventud Libre Alemana, para jovens de 14 a 25 anos. O ingresso a elas era teoricamente livre, mas praticamente obrigatório. Cabanas complementa que, nessa época, a juventude alemã apresentava duas características: o conformismo social e uma ausência de delinquência juvenil. As instituições de Pedagogia Social na República Democrática da Alemanha, eram de três tipos: lares para crianças e jovens sem famílias ou com famílias problemáticas; a atenção a terceira idade, que proporcionava aos idosos uma série de serviços e vantagens; a educação de adultos, com programas de formação permanente com as universidades populares.

Na República Federal se multiplicaram as instituições de atendimento a crianças e jovens, mas não faltaram críticas. Cabanas descreve que, nos anos de 1960, com o reforço do movimento antiautoritário, surgiu a acusação de que o Trabalho Social desenvolvido servia apenas para favorecer uma formação desses jovens de acordo com os preceitos capitalistas, ao invés de fomentar uma formação crítica contra a força de dominação inerente à sociedade burguesa.

A teoria crítica elaborada pela Escola de Frankfurt condenava a intenção

integradora que possuía o trabalho com jovens. Para essa teoria, a Pedagogia Social requer uma perspectiva tanto pedagógica como política, no sentido de possibilitar aos sujeitos um distanciamento crítico dos fatos que cercam a sociedade.

Fichtner (2009, p.47) relata que a Pedagogia Social cresceu muito e se expandiu, institucionalizando-se profissionalmente e estruturando-se como responsável pela formação e capacitação de sujeitos para atuarem como pedagogos sociais nas diferentes áreas em que a pedagogia social atua. O autor quantifica o crescimento desses profissionais no contexto alemão: em 1925 eram 31.000 pedagogos e trabalhadores sociais; em 1950 eram 60.000 pedagogos e trabalhadores sociais; em 1997 eram 1.039.000 pedagogos e trabalhadores sociais. Fichtner chama a atenção que esse crescimento é um motivo de preocupação, pois confirma o crescimento dos problemas que estão sendo gerados na sociedade alemã e que não são resolvidos na sua origem.

A Alemanha é considerada o país de origem da Pedagogia Social. Outros países começaram a importar os ideais da Pedagogia Social e estruturaram ou estruturaram a área em seu país. A Espanha teve uma relação direta com os princípios da Pedagogia Social alemã, como também atualmente influencia a área em outros países, como é o caso do Brasil. Nesse sentido, no próximo tópico, será abordado o surgimento da Pedagogia Social na Espanha, bem como breves características da área em alguns países.

CONTEXTO ESPANHOL

Como foi esclarecido no tópico anterior, é reconhecido que a Pedagogia Social surgiu na Alemanha, mas com o passar dos anos ela foi se estruturando

em diferentes países. Na Espanha são muitos os estudos dessa área, é importante conhecer como ela vem se organizando e esclarecer que existem vários pesquisadores espanhóis reconhecidos internacionalmente.

José Maria Quintana Cabanas é um desses pesquisadores. Na sua concepção, a Educação Social na Espanha surge a partir da atenção à infância e à juventude em situação de risco. O autor relata que as primeiras medidas legais se deram em Fuero Juzgo e nas Partidas de Alfonso X. Em 1409 se cria em Valencia o Albergue para Niños Inocentes e a primeira Casa de Huérfanos. Nos séculos XVII e XVIII, havia uma preocupação com a educação das crianças em situação de risco. Felipe IV ofereceu trabalho a eles e Carlos III criou umas Casas de régimen de niños desamparados como responsabilidade do Fondo Pío Beneficial e com o apoio das chamadas Juntas de Señoras. Em 1724, o frei Toribio de Velasco abre uma famosa instituição em Sevilla, chamada los Toribios. Em 1873, um decreto proíbe o trabalho de menores de 16 anos em minas e lugares perigosos. Concepción Arenal em 1887 concebe o tema da exploração do trabalho desenvolvido por menores e propunha a criação de colônias agrícolas para a reabilitação de jovens delinquentes. Em 1900 são legalizadas as condições para trabalho de mulheres e crianças.

Cabanas (1997, p.83) continua seu relato histórico, descrevendo que se deve ao doutor Tolosa Latour, em 1904, a Ley de Protección a la Infancia que fundaria o Consejo Superior de Protección a la Infancia. Em 1918, Avelino Montero Ríos elabora a lei que criaria o primeiro Tribunal para Niños, com a Obra de Protección de Menores que possui uma organização em cada província espanhola. Em 1920, em Amurrio, Gabriel Maria de Ybarra cria o Centro Permanente de Estudios, onde se desenvolvem estudos sobre a inadaptação do menor. A lei de 1948 concebe ao Tribunal de Menores duas funções: de proteção e de reformador, no sentido

de reeducar.

O autor destaca a importância de Ramón Albó y Martí (1871 – 1955), que desenvolveu atividades políticas dentro de uma linha conservadora. Ele trabalhou pelo progresso do sistema penitenciário e para a reabilitação de crianças delinquentes, dirigiu a revista *Aurora Social* (1907 – 1908), se dedicou a Obra de Protección de Menores como também o fizeram Avelino Montero Ríos y Villegas, Ignacio Jiménez, Tolosa Latour e Javier Ybarra Bergé. Segundo Cabanas (1997, p.83), Ramón Albó, em 1921, sendo juiz de “Menores” em Barcelona, criou a escola de reforma Toribio Durán. Em ocasião da comemoração do cinquentenário da Obra de Protección de Menores (1904 – 1954), Ramon Albó escreveu o livro *Siguiendo mi camino* que contém toda a trajetória e ações desenvolvida pela Obra e também relata seus desafios no atendimento a crianças e jovens em situação de risco.

Cabanas (1997, p.84) destaca outra figura importante no cenário da pedagogia social na Espanha. José Pedragosa y Monclús (1874 – 1957) foi um sacerdote que no início de seus trabalhos entrou como capelão no cárcere Modelo, de Barcelona; segundo o autor, foi aí que Pedragosa desenvolveu sua vocação pedagógica e social que caracterizou sua vida. Ele fundou a Casa de Família e dirigiu por toda a sua vida. Em 1908 foi nomeado diretor da Sección Tercera da Junta Provincial de Protección a la Infancia. Logo fundou e dirigiu o Patronato de Libertos y de la Infancia Abandonada. Também criou a Granja Agrícola de Plegamans, para a educação de jovens da área rural e estabeleceu o primeiro plano orgânico e sistemático de reeducação social conhecido em Barcelona. Pedragosa ainda foi diretor do Albergue Provisional y Departamento de Observación para crianças em situação de risco. Essas foram algumas das atividades desenvolvidas por Pedragosa que serviram como base para os

modelos educativos do regime de lugar e de granja, que foram bastante seguidos posteriormente e que são paralelos às realizações de Makarenko e de Juan Bosco.

Outro personagem de destaque nas experiências da história da Pedagogia Social na Espanha apontado por Cabanas (1997, p.85) é José Juan Piquer y Jover (1911 – 1985). Ele estudou pedagogia em 1933 na Universidade de Barcelona, desenvolvendo trabalho sobre o cinema na escola. Dedicado aos serviços de readaptação das crianças marginalizadas, atuou na escola – granja de Plegamans del Patronato de la Infancia, dirigida por José Pedragosa. Desde 1940 e até 1971, atuou na Junta de Protección de Menores e no Tribunal Tutelar. Nesta instituição criou um arquivo pedagógico como ferramenta para o conhecimento e tratamento das crianças com algum problema. Ele foi pioneiro na aplicação dos testes psicológicos. No laboratório psicotécnico da instituição mencionada desenvolveu um trabalho pautado em quatro objetivos: psicotécnica, controle pedagógico das crianças, orientação psicológica e pedagógica e pesquisas. Em 1940 foi nomeado pelo Consejo Superior de Pretección de Menores subdiretor da instituição Grupo Benéfico na rua Wad-Ras de Barcelona, que abrigava a 1.300 crianças de ambos os sexos, sem pais ou pertencentes a famílias desestruturadas e marginalizadas. Desde 1950 foi redator – chefe da revista Pro Infancia y Juventude, da Junta de la Protección de Menores e desempenhou este cargo até 1963. Nesta revista, dedicava-se a escrever sobre reeducação de menores e através dela se relacionou com pedagogos especializados de toda a Europa, dos Estados Unidos e da América Latina.

Cabanas (1997, p.86), contextualizando historicamente o atendimento a crianças e jovens em situação de risco numa perspectiva educativa, descreve diferentes métodos e alternativas em que se apresenta a Educação Social.

Para ele, a história da educação social não está somente relacionada a ações de órgãos públicos. Grande parte do trabalho social desenvolvido na Espanha e em outros países surge a partir de iniciativas particulares e de entidades privadas, dando destaque às ações das Organizações Não-Governamentais. Essas ações têm como foco principal o atendimento de crianças e jovens em situação de risco. Seguindo seu relato, o autor descreve o trabalho desenvolvido pela Obra de Integración Social (OBINSO), que desenvolve trabalho especializado na área dos jovens chamados de delinquentes e que, em sua maioria, estão em regime fechado de liberdade. Durante o período de reclusão desses jovens, a OBINSO oferece apoio educativo. Essa organização possui centros de informação e de observação de jovens delinquentes, onde, de acordo com a legislação atual, os jovens com acusação de algum delito são levados como medida provisória. Esses centros funcionam em regime de convivência com 10 jovens e um responsável e mais duas pessoas que cuidam dos trabalhos domésticos. Outra atividade da OBINSO que Cabanas descreve é a instituição dos chamados Educadores de calle que, de um modo informal, atuam em ambientes de risco social, a fim de agrupar os jovens com certo controle educativo e de prevenção para que esses jovens não cometam algum tipo de delito.

O autor relata que, com o passar dos anos, verificou-se que o atendimento a crianças e jovens em situação de risco era desenvolvido por voluntários que não possuíam formação para esse trabalho. Nesse sentido, foi organizada uma escola que formaria profissionalmente esses voluntários, tornando-os Educadores Especializados. Tratava-se, segundo Cabanas (1997, p.86), de uma formação breve em nível secundário (técnico) que habilitava o educador especializado a trabalhar com meninos e meninas em regime aberto, a estilo familiar. Essa forma de organização substituíria as antigas instituições de regime fechado e destinava-

se a acolher educativamente a meninos e meninas pertencentes a famílias desestruturadas. Essa organização era chamada de Colectivos Infantiles, surgindo para substituir os antigos internatos de reeducação que eram regidos por congregações religiosas. Cabanas explica que o coletivo compreende duas comunidades, cada uma das quais se divide em dois grupos pedagógicos de 12 ou 13 crianças que ocupam espaços vizinhos. Cada coletivo agrega em torno de 50 crianças atendidas por educadores de ambos os sexos; as crianças frequentam esses espaços nas horas livres, dias de festas e finais de semana. As crianças frequentam geralmente as escolas no próprio bairro do coletivo. Cada coletivo possui na sua equipe um coordenador, oito educadores, seis assistentes para serviços domésticos e um psicólogo compartilhado com outro coletivo.

Outra atividade desenvolvida é a das Aldeas Infantiles S. O. S. que constituem uma ação de benefício social, privada, com o objetivo de dar a criança órfã ou abandonada uma mãe, irmãos e um lar, evitando assim, as carências a que essas crianças estão sujeitas na sua primeira infância. Cada aldeia é composta por 15 a 20 casas e em cada uma delas moram oito ou nove crianças, sempre do mesmo sexo, que crescem juntos como irmãos, sob os cuidados de uma mãe, a qual se dedica integralmente ao trabalho. Esta figura feminina é a peça central desse sistema educativo. Ela recebe salário mensal que deve administrar para atender as necessidades da casa que cuida. Essas aldeias não possuem escolas próprias, sendo que as crianças são das comunidades vizinhas; desse modo, elas devem integrar-se nessas comunidades normalmente.

Existem também, de acordo com o autor, os chamados Hogares Promesa, que são semelhantes aos Colectivos Infantiles, e que também pretendem ser uma alternativa às antigas instituições re-educativas organizadas como internatos de atendimentos em massa. Nesses lares também funcionam as celas onde vivem

familiarmente essas crianças e cada cela possui uma relativa autonomia no seu modo de funcionar. O único pedido a todas as celas é que sigam normas gerais comuns. Uma diferença é que se nos coletivos os educadores eram remunerados como funcionários, nos lares, o educador contribui para a manutenção deste, que na realidade é sua casa como também das crianças.

Cabanas (1997, p.87) ainda relata que, em 1962, foram fundados em Oviedo os Mensajeros de Paz, com a finalidade de acolher a menores delinquentes que ao sair da prisão se encontram sem família e rechaçados pela sociedade. Seu objetivo é integrá-los na sociedade “de acordo com valores que lhes dignificam sua personalidade”. Segundo o autor, existem em torno de cem lares dessa organização, que acolhem em torno de mil menores.

A contextualização histórica destacou as práticas de atendimento a infância e a juventude, relatando experiências e nomeando personagens importantes nesse processo. Com o crescimento significativo de práticas nessa área, torna-se importante relatar a história da Educação Social na Espanha como objetivo acadêmico e profissional.

Segundo Cabanas (1997, p.89), o interesse pela Pedagogia Social na Espanha começou no início do século XX, evidenciando-se tal interesse por meio da tradução da obra básica de Paul Natorp do alemão para o espanhol. Segundo López (2009, p. 97), foi María de Maeztu (1882 – 1948) quem a traduziu e publicou em 1915. Cabanas relata que nesse período a pedagogia espanhola era bem próxima da pedagogia alemã.

López (2009, p. 97), contextualiza que os pioneiros em escrever sobre a Pedagogia Social na Espanha foram Concepción Arenal (1820 – 1893), María del Buen Suceso Luengo de la Figuera (1864 – 1929), María de Maeztu (1882 – 1948), Ortega y Gasset (1883 – 1955), Lorenzo Luzuriaga (1889 – 1959), Ramón

Ruiz Amado (1861 – 1934) e Rufino Blanco Fombona (1874 – 1944). Dentre esses teóricos da Pedagogia Social espanhola, encontra-se também a figura de Fernando de los Ríos, que segundo Lecea (1997, p.17) publicou em 1910 a obra “El fundamento científico de la Pedagogía Social de Natorp”.

Lecea (1997, p. 12) contextualiza que Fernando de los Ríos, Ortega y Gasset, María de Maeztu, Lorenzo Luzuriaga, entre outros, foram alunos de Paul Natorp e Hermann Cohen na universidade alemã de Marburgo, uma escola neokantiana que se caracterizava pelo seu anti-positivismo e por sua preocupação pela filosofia prática. Nessa universidade foram formados vários intelectuais espanhóis que se preocupavam com o papel social que deveriam cumprir na sociedade. Os intelectuais acima citados, segundo a autora, faziam parte da Junta para Ampliación de Estudios. Compreende-se, dessa forma, a influência das teorias alemãs sobre as produções espanholas.

Cabanas relata que essa proximidade era verificada através do Seminário de Pedagogia realizado na Universidad de Barcelona nos anos de 1930, de modo que, ao criar a seção de pedagogia da Universidad de Madrid, no ano de 1944, a Pedagogia Social foi incluída nos planos de estudo. O mesmo ocorreu na Universidad de Barcelona, em 1954. Cabanas diz ser relevante pontuar que nesse mesmo ano L. Luzuriaga publicava em Buenos Aires o seu livro Pedagogía Social y política, que na verdade não se tratava especificamente de um livro sobre Pedagogia Social, mas sim de Sociologia da Educação.

Esse fato serve para ilustrar a confusão que, segundo o autor, tem-se criado nas últimas décadas na Espanha a respeito da Pedagogia Social e da sociologia da educação, sendo possível verificar essa confusão nos planos de estudos pedagógicos na década de 1970. A pedagogia passou a ser entendida como ciências da educação e a Sociologia da Educação era confundida com a

Pedagogia Social. Mas, no início dos anos de 1980, os pedagogos espanhóis preocuparam-se em estabelecer a diferença e foram se interessando pela desconhecida Pedagogia Social.

Cabanas (1997, p. 89) relata que, em 1984, J. M. Quintana publicou sua obra *Pedagogía Social* e estabeleceu o conceito de uma nova disciplina, não só no sentido de sua concepção tradicional (teoria da socialização educativa humana), como também da sua concepção nova (importada da Alemanha) que entende a educação social como uma forma de Trabalho Social, com perfil profissional para o pedagogo dentro desse setor, qualificado como Pedagogo Social. Foi uma importante inovação que resultou em modificações curriculares dos cursos de pedagogia, já que são muitos os pedagogos que querem formar-se e exercer sua profissão como Pedagogos Sociais ou Educadores Sociais. O livro mencionado foi durante dez anos o único tratado existente na Espanha sobre Pedagogia Social.

O autor descreve que foi a partir desse momento que foi se criando na consciência dos pedagogos espanhóis a necessidade de organizar os estudos da Pedagogia Social e a profissão de educador social, coincidindo paralelamente com o surgimento de novas profissões como o trabalho social e a animação sócio-cultural, que também aspiravam à formação em nível superior. Fruto desse movimento foi a pressão exercida sobre o Ministério da Educação e Ciência, o qual finalmente, em 1991, criou e organizou nas universidades espanholas a diplomação em educação social. Em 1985 haviam acontecido as primeiras Jornadas Nacionales de Pedagogía Social. Em 1986 saiu o primeiro número da *Revista de Pedagogía Social*. Em 1994 surgiu o livro de P. Feroso, *Pedagogía Social*, e atualmente, segundo o autor, todas as universidades esforçam-se em suas faculdades ou seções de ciências da educação em implementar os estudos

da educação social.

Finalizando, segundo Carreras (1997, p. 46), a concepção binária da Pedagogia Social como ciência da educação social dos indivíduos e grupos, por uma parte, e, por outra, como ajuda, desde uma vertente educativa, para as necessidades humanas que se propõe o trabalho social é a que predomina na Espanha. Segundo o autor, na Itália e Bélgica os educadores seguem algumas mesmas ideias, inclusive a mesma terminologia, ainda que existam algumas peculiaridades em cada país. O autor argumenta que nos demais países europeus e nas Américas não se têm somado a esta linguagem e a este discurso como na realidade espanhola, que assimilou de forma muito próxima a Pedagogia Social de suas origens, na Alemanha.

Sobre o debate atual a respeito da formação e atuação profissional do educador social na Espanha acesse os textos nos links abaixo:

[PRÁCTICA PROFESIONAL Y FORMACIÓN DEL EDUCADOR SOCIAL EN ESPAÑA](#)

[UNIVERSIDAD Y FORMACIÓN DE PROFESIONALES DE LA EDUCACIÓN SOCIAL](#)

A PEDAGOGIA SOCIAL EM DIFERENTES PAÍSES

É difícil apresentar um panorama da Pedagogia Social nos diferentes países do mundo, pois não se encontra um trabalho científico que tenha essa abrangência. Existem produções mais específicas que tratam de características peculiares em determinados países. Nesse breve tópico, apresentam-se experiências de

alguns países com perspectivas teóricas e de atuação que se assemelham ou são divergentes.

Scarpa e Corrente (2006, p. 64) relatam as dificuldades de realizar um mapeamento da Pedagogia Social nos países europeus. Os autores explicam que cada país assume perspectivas diferenciadas nessa área, assumindo regulamentações específicas, bem como buscam a formação dos profissionais consonante com as suas peculiaridades. Nesse sentido, de acordo com a realidade política e social de cada país, os autores descrevem que surgiram profissionais para atuarem nessa perspectiva da pedagogia social/educação social/trabalho social, todos seguindo uma linha de trabalho e de fundamentação comuns, mas com nomenclaturas e alguns enfoques diferenciados.

O contexto europeu possui uma organização que prioriza uma linha comum por meio da União Européia, sendo propostas certas estratégias similares entre os países. No entanto, mesmo assim encontram-se divergências. Os autores apontam como semelhanças as bases comuns na formação do profissional que atua nessa área social, especialmente núcleos de matérias comuns.

Para compreender o movimento internacional da pedagogia social, acesse a tese de doutorado de Érico Ribas Machado no link abaixo:

O DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA SOCIAL SOB A PERSPECTIVA COMPARADA: O ESTÁGIO ATUAL NO BRASIL E ESPANHA

Os autores chamam a atenção para o fato de que, mesmo com uma formação básica similar nos diferentes lugares, o processo de reconhecimento

desse profissional bem como a sua área de atuação, ainda não são oficializados em toda a Europa.

Como se percebe nesse quadro, a Pedagogia Social se estrutura de diferentes maneiras nos vários países, sendo enfatizados em cada um os aspectos que marcam a sua necessidade e características. Esse quadro serve também para discutir a fundamentação da Pedagogia Social, que tem como referência a Educação Social, mas que está totalmente atrelada atualmente ao Trabalho Social. Ainda nessa direção, é importante ter a clareza de que existem diferentes fundamentações teóricas da área, e que isso delineará a prática realizada frente às muitas áreas de atuação da Pedagogia Social.

É com esses argumentos que se compreende o enfoque dado a essa área em países como Vietnam, China, Mongolia, Cuba e recentemente Venezuela, onde se defende uma Pedagogia Socialista, de base teórica marxista (SUÁREZ et al, 2006). Ribeiro (2009, p. 172), tendo por base as obras de Nosella, Pistrak e Makarenko, descreve que a Pedagogia Socialista “é articulada aos processos revolucionários, cujo propósito é a articulação entre o trabalho produtivo e o ensino”. Não foram encontradas explicações sobre a atual situação da Pedagogia Social nesses países, nem uma sistematização nos moldes em que foi apresentado no quadro exposto acima. Constatam-se apenas discussões e debates sobre as possíveis fundamentações que devem orientar essa área.

Já no Uruguai existe uma organização das práticas dos educadores sociais. Segundo Camors (2009, p. 121), desde 1989 se desenvolve a Educação Social nesse país, que atualmente é organizada pelo Centro de Formación y Estudios del Instituto de la Niñez y Adolescencia del Uruguay. A formação desse profissional é organizada em nível terciário, não universitário, sendo reconhecida pelo Ministerio de Educación y Cultura desde 1997.

Para conhecer mais a respeito da discussão sobre educação social no contexto latino-americano acesse o blog da professora Rosa Maria Torres:

BLOG: OTRA-EDUCACION

Percebe-se a presença da tendência europeia na organização, por meio da utilização de terminologias como Educador/ Educação social, como também das relações com a Associação Internacional dos Educadores Sociais. Entretanto, o autor destaca as relações com a Educação Popular de Paulo Freire, que caracteriza essa perspectiva educativa em vários países da América Latina. Estas breves explanações sobre a Pedagogia Social em diferentes países servem para esclarecer a abrangência e a complexidade desse campo.

Para conhecer mais sobre a constituição da pedagogia social na realidade educacional brasileira e aprofundar os conhecimentos sobre a relação entre educação social e educação popular - acesse a dissertação de Érico Ribas Machado:

A CONSTITUIÇÃO DA PEDAGOGIA SOCIAL NA REALIDADE EDUCACIONAL BRASILEIRA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

NOTAS



“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Paulo Freire

Compreender qual é a teoria que embasa uma prática é fundamental para que o profissional tenha clareza dos resultados que pretende obter com seu trabalho. Toda prática tem uma teoria que a fundamenta, às vezes é o profissional que não teve acesso e conhecimento de tal teoria.

Como no caso dos fundamentos da Pedagogia Social, vimos que a área se estrutura em cada realidade a partir de suas necessidades e peculiaridades, e o Educador que trabalha práticas de Educação Social com seus sujeitos, precisa

conhecer e compreender para qual perspectiva de sociedade está ajudando a construir.

Lembrem-se que esse material com as indicações realizadas permitem complementar as reflexões teóricas com aspectos práticos, o que possibilitará realizar as atividades propostas como avaliações desta disciplina. Todos os materiais, links e indicações estão interligados para que você possa aprofundar seus conhecimentos sobre a Pedagogia Social.

As definições, conceitos e históricos apresentados no corpo desse livro, contribuem para um entendimento teórico inicial das discussões sobre Pedagogia Social. Mas fica a pergunta:

Para que ou para quem estamos nos dispondo a estudar sobre essa área do conhecimento?

Para refletir sobre, assistir o vídeo – VIDA MARIA



SITES PARA ACESSAR PUBLICAÇÕES SOBRE PEDAGOGIA SOCIAL

LÍNGUA ESPANHOLA

[Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria](#)

[Revista de Educación Social](#)

[Educación social: Revista de intervención socioeducativa](#)

[Pedagogía y Trabajo Social](#)

LÍNGUA INGLESA

[Social Education](#)

[Journal of Social Science Education](#)

[International Journal of Social Education](#)

[International Journal of Social Pedagogy](#)

LÍNGUA PORTUGUESA

[Anais do Congresso Internacional de Pedagogia Social](#)

[A Página da Educação](#)

[Praxis Educare](#)

[Revista de Ciências da Educação](#)

REFERÊNCIAS

- CABANAS, José Maria Quintana. Antecedentes históricos de la educación social. In: PETRUS, Antonio. (org.). *Pedagogia Social*. Espanha: Ariel, 1997. p. 68 – 91.
- _____. *Educación Social: antología de textos clásicos*. Madrid: Narcea, 1994.
- CALIMAN, Geraldo. Fundamentos teóricos e metodológicos da Pedagogia social na Europa (Itália). In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009. p. 51 – 60.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CAMORS, Jorge. *A Pedagogia Social na América Latina*. In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009.
- CARIDE, José. Antonio. *La pedagogía social em España*. In: Nuñez, V. *La educación em tiempos de incertidumbre: las apuestas de la Pedagogía Social*. Barcelona: Gedisa, 2002. p.81 – 112.
- _____. *Acción e intervención comunitárias*. In: PETRUS, Antonio. (org.). *Pedagogia Social*. Espanha: Ariel, 1997. p.222 – 247.
- CARRERAS, J. S. Q. *La construcción de la pedagogía social: algunas vías de aproximación*. In: PETRUS, A. (org.). *Pedagogia Social*. Espanha: Ariel, 1997. p. 40 - 67.
- CARVALHO, A. D. de e SANTOS, E. dos. *Novas racionalidades e novos imperativos da educação social*. Disponível em: <http://www.pedagogiasocial.cl/DOCS/COPESOC/>. Acesso em 03 Nov. 2009.
- CASTEL, R. *As armadilhas da exclusão*. In: WNDERLEY, M. B.; BÓGUS, L. e YAZBEK, M. C. *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 2000. p.17 – 50.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FICHTNER, Bernd. *Pedagogia Social e Trabalho Social na Alemanha*. In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009, p. 43 – 50.
- INEP. *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. Glossário. v.2. 2006.
- LECEA, T. R. de. *Fernando de los Ríos: estudio preliminar a las obras completas I*. Barcelona: Anthropos, 1997, 331 p.
- LÓPEZ, Suzana Torío. *La Pedagogía Social en España*. In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009, p. 95 – 108.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Nacional, 15 ed. 1984.
- KANT, Emmanuel. *Sobre Pedagogia*. In: LUZURIAGA, L. *Sobre educación: Kant, Pestalozzi y Goethe*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999.
- MOURA, Rogério, NETO, João Clemente Souza e SILVA, Roberto da. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009.
- MÜLLER, V. R. e RODRIGUEZ, P. C. *Reflexões de quem navega na educação social: uma viagem com crianças e adolescentes*. Maringá: Clichetec, 2002.
- NATORP, Paul. *Pedagogía Social: teoria de la educación de la voluntad*. Madri: La Lectura, 1913.
- NUÑEZ, Violeta. *La educación em tiempos de incertidumbre: las apuestas de la Pedagogía Social*. Barcelona: Gedisa, 2002.
- _____. *Pedagogía Social: cartas para navegar en el nuevo milenio*. Buenos Aires: Santillana, 1999.
- _____. *Modelos de Educación Social em la época contemporánea*. Barcelona: PPU, 1990.
- OÑA, José Manuel. *El educador social: un profesional de la educación en contacto con la infancia*. In: *Revista de Educación Social*. España: Asociación Estatal de Educación Social. N.º 4, 27 de setembro de 2005.
- PALMA, F. L. y FLECHA, R. *Educación de personas adultas*. In: PETRUS, Antonio. (org.). *Pedagogia Social*. Espanha: Ariel, 1997.
- PAULA, Ercília. M. A. T. de. e MACHADO, Érico Ribas. *Pedagogia: concepções e práticas em transformação*. In: *Educar em Revista*. UFPR, Curitiba/PR. n.35, p.223 – 236, Set/Dez, 2009.
- _____. *A Pedagogia Social na Educação: Análise de Perspectivas de Formação e Atuação dos Educadores Sociais no Brasil*. In: *Revista de Ciências da Educação*. UNISAL, Americana/SP - Ano X - N.º 18 - 1.º Semestre/2008.
- PETRUS, Antonio. (org.). *Pedagogia Social*. Espanha: Ariel, 1997.
- RIBEIRO, Marlene. *Exclusão e educação social: conceitos em superfície e fundo*. In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009, p. 159 – 178.
- RYYNÄNEM, Sanna. *A pedagogia social na Finlândia e o contexto brasileiro*. In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009, p. 61 - 82.
- SAVIANI, Demerval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCARPA, P. e CORRENTE, M. *La dimensión europea del educador/a social*. In: *Pedagogía Social*. Sevilla: Calamar. nº 14, 2006. p. 63 - 74.
- SILVA, Roberto da. *As bases científicas da Educação Não-Formal*. In: MOURA, R., NETO, J. C. S. e SILVA, R. (orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2009. p. 179 – 193.
- SUÁREZ, N. P. et al. *La Pedagogía Socialista: su concreción en el modelo cubano*. Disponível em: www.ilustrados.com/publicaciones. Acesso em: 4 Mar. 2009.
- THERBORN, G. *A crise e o futuro do capitalismo*. In: GENTILI, P. e SADER, E. *Pós – neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 39 – 62.
- UJIE, Nájela T.; NATALI, Paula M. e MACHADO, Érico Ribas. *Contextos de formação do educador social no Brasil*. In: *Educação Unisinos*. Unisinos, v. 13, n. 2. p. 117 – 124. Mai/Ago, 2009.
- ZUCCHETTI, D. T. *A pedagogia social e as racionalidades do campo educativo*. In: *Revista Brasileira de Educação*. Vol. 13. Nº 38. Rio de Janeiro: Mai/Ago 2008.